

Tradução do russo e edição por CN, 21.8.2015

(original em: <http://cccp-kpss.narod.ru/arhiv/soprobets/OTVETS.HTM>)

A guerra em que estamos é intelectual

Entrevista ao jornal Slovo Kommunist

Tatiana Khabarova

Outubro de 1998

Nos dias do XXXI Congresso do UPC-PCUS, o redactor do *Slovo Kommunist*, Guram Tsuchbaia, encontrou-se com a secretária-coordenadora da Plataforma Bolchevique no PCUS, membro do Comité Executivo do Congresso de Cidadãos da URSS, doutorada em Ciências Filosóficas, Tatiana Khabarova, e entrevistou-a. Segue-se o texto dessa entrevista.

Como avalia o estado do movimento comunista no nosso país?

Já falei muitas vezes da avaliação que fazemos do estado do movimento comunista. Em 90 por cento tem um carácter imitador. Nele, o papel principal é desempenhado não por comunistas realmente convictos, mas por pessoas que saltaram para a arena política, entre a segunda metade dos anos 80 e o início dos anos 90, com um único fim: criar um multipartidarismo comunista no país. Depois da derrota da URSS, isso era uma das missões-chave na condução da guerra psicológica-informativa, e foi brilhantemente cumprida. Ou seja, já não existe um PCUS unificado, mas uma multiplicidade de partidos comunistas, cada um com o seu próprio programa. Estes programas não se conjugam entre si, não são convergentes. Correspondentemente, as acções não se conjugam, não convergem, e o movimento comunista não cumpre o papel que lhe cabe – a libertação do país, o restabelecimento do poder soviético, o restabelecimento da URSS como Estado.

O multipartidarismo, de que fala, no movimento internacional comunista, na sua opinião, é o reflexo das condições objectivas ou o resultado da acção subjectiva?

O multipartidarismo que surgiu no nosso país, sob a forma que acabei de referir, é resultado directo da acção do nosso adversário geopolítico na guerra psicológica-infor-

mativa. Isto era uma necessidade. Depois da derrota do PCUS, o contingente de comunistas não podia permanecer, digamos, sem vigilância. Era preciso desintegrá-lo, separá-lo. Essa missão foi cumprida. De modo que os partidos que hoje temos são, digamos, um produto da guerra psicológica-informativa. Mas também há um outro aspecto: existe uma natural divergência de pontos de vista entre comunistas. Num Estado socialista normal não há apenas comunistas convictos, mas também pessoas que partilham outras visões. Por isso, no projecto de nova redacção da Constituição da URSS, propomos resolver esta questão assaz sensível do seguinte modo: no futuro Estado socialista reestabelecido, será atribuído ao PCUS, se assim se chamar, um estatuto separado enquanto estrutura específica de poder com as correspondentes competências. E ao mesmo tempo permitir-se-á a existência de outros partidos enquanto organizações sociais normais.

Pensa que é possível o restabelecimento da URSS com a actual fragmentação das forças comunistas em diferentes partidos, desde que estas forças assegurem a unidade na acção prática?

Penso que se se agir da forma como nós agimos em relação aos imitadores, é possível o restabelecimento da URSS, é possível a vitória do povo soviético. Para isso é preciso que surja um partido que se municie precisamente com a doutrina de Lénine - Stáline. Um partido que se proclame como partido do povo soviético que conduz a luta pela libertação da sua pátria socialista, a URSS. Se tal partido se criar e ganhar força suficiente, então esses imitadores, estes partidos imitadores poderão continuar a existir, no sentido estrito da palavra, mas o povo, naturalmente, afastar-se-á deles, ou dissolver-se-ão de outra maneira qualquer. O importante é que o partido que falta surja realmente como um PCUS renovado e revitalizado. Não como um partido para todos, mas como o partido que é necessário. E todos os outros cairão por si próprios.

Em que consiste, na sua opinião, a tarefa fundamental dos actuais comunistas de base, tendo em conta a sua idade avançada: no trabalho de propaganda e esclarecimento em defesa do poder soviético ou noutra qualquer?

Os comunistas devem esforçar-se para criar em todo o território da URSS o que nós designamos de «*maioria soviética*». É preciso realizar uma propaganda permanente, inculcar nas pessoas que elas são soviéticas e nós todos juntos temos futuro, temos perspectivas. Ou nos juntamos, ou o povo soviético se junta, ou não teremos perspectiva histórica. Se não nos juntarmos de novo como um povo, não poderemos libertar o país. O país desaparecerá. Será dividido em pedaços e deixará de existir. É isto que precisamos de dizer ao povo, não às elites, mas a todos, a qualquer povo, a qualquer pessoa. Cada um deve compreender que o seu destino, a ter futuro, é parte do destino do povo soviético. Este trabalho de propaganda pela consolidação da maioria soviética pode ser feito por qualquer comunista de qualquer idade. É seu dever sagrado que à sua volta as pessoas se tornem soviéticas, que compreendam que a sua sobrevivência, o destino dos seus filhos, o destino dos seus descendentes está dependente da reunião do povo soviético. Este é o trabalho principal dos comunistas, qualquer um o pode fazer. As pessoas à sua volta devem tornar-se não comunistas, no sentido próprio da palavra, mas soviéticas.

Na sua opinião, o renascimento da URSS deverá ocorrer da mesma maneira, isto é, primeiro as repúblicas deverão tornar-se socialistas, se não todas pelo menos uma parte, e só depois unir-se num Estado uno.

Estou firmemente convencida de que essa forma (primeiro as repúblicas separadamente tornam-se socialistas e só depois se unem num Estado soviético) está historicamente esgotada e não voltará a repetir-se. Surgiu uma nova comunidade histórica, o povo soviético, que não é uma ficção, e consideramos que desta vez o renascimento da URSS terá lugar a partir de baixo, do povo, através da união, consolidação, do povo soviético, através das suas organizações, os sovietes de cidadãos da URSS, criados por toda a parte, independentemente das repúblicas. E, deste modo, os ocupantes, os invasores serão expulsos da nossa terra e será imediatamente restabelecido o poder soviético por toda a parte.

O caminho proposto pelo presidente da Bielorrússia, A.G. Lukachenko, de criar uma União como os actuais estados da chamada Comunidade de Estados Independentes, será o único possível nas presentes condições? Será uma medida temporária até ao restabelecimento da URSS ou um acto duradouro, o único possível depois da destruição da União Soviética?

Só como medida temporária. É claro que se as repúblicas se unirem, mesmo na sua forma actual, na base de princípios mais sensatos do que os vigentes na Rússia ou Bielorrússia, isso seria melhor do que a dispersão total e desunião entre elas. Seria mais fácil resistir ao Ocidente. No entanto, devo dizer que Lukachenko sublinhou várias vezes que não é favorável ao restabelecimento da URSS.

Hoje vivemos em estados diferentes do ponto de vista jurídico. Todavia, na sua opinião, o povo soviético continua a existir ou com o desaparecimento da União Soviética do mapa político desapareceu também o povo soviético?

Em primeiro lugar, vivemos num só Estado, vivemos no território temporariamente ocupado da URSS. *De jure* a União Soviética continua a existir, e, naturalmente, o povo soviético. Este não desapareceu, nem não podia ter ido para qualquer outro lugar neste período. Simplesmente as pessoas estão em estado de choque psicológico-informativo, provocado por décadas de guerra informativa, e não têm consciência suficientemente clara disto. Mas interiormente, a maioria mantém-se soviética. Além disso, estou convencida de que, no que respeita à juventude, cedo ou tarde, a genética social funcionará e os jovens lembrar-se-ão de que também eles são descendentes da União Soviética. De modo que o povo soviético existe, e uma vez que o componente fundamental de qualquer nação é o povo, então, *de jure*, a União Soviética existe, *de jure*, continua vigente a Constituição soviética. A nossa tarefa é tornar tudo isto *de facto*.

Tendo em conta a existência de uma multiplicidade de partidos no movimento comunista, é possível a criação de um centro único de direcção de

alguns destacamentos deste movimento, para o alcance do objectivo comum a todos?

É possível e necessária a criação de um centro. Mas esse centro não deve excluir determinados destacamentos, mas uni-los. Como centro existe a União dos Partidos Comunistas-Partido Comunista da União Soviética (UPC-PCUS). Mas ele exclui, por exemplo, a Plataforma Bolchevique. Tentámos várias vezes que a direcção do UPC-PCUS apoiasse a nossa iniciativa e dirigisse o Movimento de Cidadãos da URSS. Propusemo-lo a Chénine,¹ a Umalátova.² Nem sequer queríamos lugares para nós. Mas julgamos que uma ideia valiosa deve ser reconhecida, venha donde vier. Terá o UPC-PCUS ganhado muito com a nossa exclusão? Não, simplesmente a parte mais valiosa do nosso potencial intelectual saiu de lá. Um centro que una todos, claro que é necessário. Mas um «centro» que apenas une os «eleitos», serve para quê? A guerra em que estamos é **intelectual**. E a força intelectual não se mede pelo número. Um partido pode ser grande e ser completamente impotente intelectualmente. E um grupo minúsculo pode ter um enorme potencial intelectual. Um centro que una realmente todos sem discriminações será bem-vindo.

Considera que o nosso país, a União Soviética, está sob ocupação de diferentes forças hostis ou trata-se apenas da luta de classes entre o trabalho e o capital que adquiriu contornos invulgares no final do século XX?

Nós consideramos que se trata de um combate entre nós e os nossos inimigos geopolíticos. Para os norte-americanos isto nunca foi um segredo. Foram elaboradas directivas verdadeiramente terríveis, que foram publicadas logo nos anos 70. Só para nós era um segredo que os EUA conduziam uma guerra não declarada contra o nosso país. Nesta causa foram enterrados biliões de dólares. Esta guerra foi conduzida através de uma quinta coluna, através da criação de uma nova quinta coluna. A primeira vaga da quinta coluna foi o projecto trotskista. Stáline derrotou-o. Infelizmente a direcção pós-Stáline não foi capaz de enfrentar a nova geração da quinta coluna, e o resultado está à vista. Trata-se pois de uma guerra típica que é conduzida com meios que a história desconhecia. E a ocupação teve lugar efectivamente. Aliás, os próprios norte-americanos, ainda nos anos 50, disseram que não podiam ocupar de facto um país tão grande; não fazia sentido enviar soldados para cá. Mas definiram o objectivo de transformar o regime autóctone, digamos, por eles criado após obterem a vitória nesta guerra, num regime ocupante de facto. Assim, eles agiram segundo um plano, e só nós é que fomos apanhados de surpresa, como se tivéssemos sido atingidos por um raio. É a mais típica das guerras,

¹ Oleg Semiónovitch **Chénine** (1927-2009) liderou a União dos Partidos Comunistas-PCUS (UPC-PCUS), desde a proibição do PCUS, em Agosto de 1991, até à ruptura com o PCFR em 2001, altura em que a presidência passa a ser assumida por G.A. Ziugánov. (N. Ed.)

² Sají Zaindínovna **Umalátova** (1953), membro do PCUS entre 1978 e 1992, fundadora e presidente do movimento *Presidium* Permanente do Congresso de Deputados do Povo da URSS, criado em Março de 1992. Em 1990, no IV Congresso dos Deputados do Povo da URSS, foi a única deputada a intervir contra Gorbatchov, exigindo a sua demissão do cargo de presidente da URSS. Em 1996 criou o partido Paz e Unidade, que concorreu às eleições para a Duma da Rússia em 1999 e 2003. Entretanto torna-se partidária da linha de Vladimir Pútine, criando, em Novembro de 2001, o Movimento Social de Apoio à Política do Presidente da Federação Russa. (N. Ed.)

mas claro que é uma **guerra contra o inimigo de classe**. Os norte-americanos combateram-nos não apenas pelos nossos recursos, eles pretendiam destruir o socialismo, o comunismo do futuro como sistema social. Hitler também nos atacou não apenas pelo espaço vital, mas porque pretendia destruir o bolchevismo. Deste modo, o fundo da questão é sempre de classe. É a guerra global entre o trabalho e capital.

Muitos políticos dirigentes de destacamentos comunistas afirmam que é preciso criar um novo marxismo, uma nova teoria do movimento revolucionário, que tenha em conta as condições actuais, uma vez que o marxismo reflecte uma realidade de há 150 anos, e hoje a realidade alterou-se radicalmente. Qual é o seu ponto de vista?

Do meu ponto de vista é evidente que o marxismo deve ser desenvolvido, mas é preciso conhecer o que se passa e o que se passou nas últimas décadas. Como cientista marxista, vi perfeitamente o que estava a acontecer no país e como tudo isto iria acabar. Era uma evidência se utilizássemos o esquema clássico, ortodoxo, digamos, o esquema da ciência marxista-leninista-stalinista. E sublinho, em particular, que não se pode descartar Stáline em nenhum caso. Se utilizássemos este esquema de análise dos processos sociopolíticos podíamos ver perfeitamente desde os anos 70 o que estava a acontecer no país e para onde isto ia. E as diversões da guerra psicológica-informativa, em particular a reforma de 1965, essa enorme diversão, foram feitas e orientadas de forma muito bem pensada e amadurecida. Estava à vista o resultado de tudo isto. Tudo isto era previsível. Por exemplo, eu nunca consegui publicar os meus trabalhos no período de Bréjnev, Andrópov e Tchernenko, e dar a conhecer o seu conteúdo aos órgãos dirigentes. No entanto, note, neste movimento comunista, por isso é que é uma imitação, ninguém se interessa em absoluto pela história do marxismo-leninismo nas décadas posteriores à morte de Stáline. Se ler qualquer deles, ouvir as suas intervenções, ficará com a impressão de que o marxismo estava morto. Só havia, digamos, esses profanadores profissionais do marxismo, que professavam das cátedras oficiais. Sabemos que se revelaram uns vira-casacas, que simplesmente distorceram a doutrina marxista. No entanto, o marxismo como doutrina viva existiu durante todo este tempo. Existiu. Tenho levantado repetidamente a questão de que existiu uma **resistência popular comunista**.

No final dos anos 70 realizou-se uma conferência do Bureau Político, que se prolongou por vários dias, dedicada à análise de cartas de trabalhadores sobre questões ideológicas. Note-se que os materiais da conferência não foram publicados na altura na imprensa e ainda hoje são desconhecidos, não estão publicados. O que é que impede Kossolapov,³ que está perfeitamente informado do que aconteceu, de mostrar que o **povo resistiu!** Resistiu contra o obscurantismo antimarxista, resistiu contra as incursões da guerra psicológica-informativa. Resistiram também cientistas honestos, que foram afastados dos seus empregos, não podiam publicar os seus trabalhos e não eram recebidos

³ Ritchard Ivanovitch Kossolapov (1930), filósofo, reitor da Faculdade de Filosofia Lomonosov (1986-87), membro CC do PCUS (1981-1986) (membro candidato, 1976-1981), foi colaborador do CC do PCUS e redactor principal da revista *Kommunist*, órgão teórico do partido. Em 1997 dirige a reedição e continuação da publicação das obras de I.V. Stáline. Em 2012 foi eleito membro do CC do Partido Comunista Operário da Rússia – Partido Comunista da União Soviética. (Ver entrevista em <http://www.hist-socialismo.com/docs/VerdadeStaline.pdf>). (N. Ed.)

pelos dirigentes. Escrevi várias vezes a Kossolapov, enquanto redactor principal da revista *Kommunist*. Tenho extensos artigos não publicados que lhe foram enviados em vão. Qual foi a resposta que me deu no final dos anos 70? «*Não vamos polemizar consigo a propósito do conceito de socialismo desenvolvido, dado que este conceito está consagrado nos documentos orientadores.*» Aí tem os argumentos «científicos»! Hoje é preciso revelar tudo isto e mostrar que o marxismo continuou a ser desenvolvido, estava vivo, previu perfeitamente a catástrofe e apontou a via para sair dela. Mas mesmo hoje não consigo publicar os meus trabalhos. Não tenho dinheiro que chegue para isso. E ninguém se interessa, nenhum dos nossos «centros», partidos, do UPC-PCUS ao PCFR.⁴

Como é que esta questão é exposta? Diz-se que o «grupo antipartido», que existiu nos anos 50, foi alegadamente o último surto do pensamento marxista. Seguiram-se 40 anos de silêncio sepulcral, e em 1988 eis que Nina Andréieva⁵ intervém com o seu artigo. Porém, o marxismo não tinha morrido como ciência, estava vivo, previu tudo perfeitamente e, como sempre, não errou nos seus prognósticos. É preciso fazer o levantamento de toda a história do marxismo durante as décadas do pós-guerra, mostrá-la às pessoas, e elas convencer-se-ão de que não fazem falta quaisquer «novos marxismos». O nosso marxismo, a doutrina de Marx-Lénine-Stáline, cumpriu na perfeição todas as suas tarefas, mas não pôde realizá-las politicamente. Eu sou uma cientista. Politicamente não pude mover esse bloco. Escrevi a todos: Bréjnev, Kossíguine, Andrópov, Suslov, eu sei lá a quem mais. Não consigo sequer lembrar-me do nome de um dos nossos dirigentes a quem eu tenha escrito e enviado os meus trabalhos. Politicamente não tive sucesso. Mas como cientista tive! E isso deve chegar ao conhecimento da opinião pública.

Considera que a vitória na luta pelo socialismo só é possível em resultado de uma insurreição armada? Ou, dito de outro modo, é possível a revolução no final do século XX nos mesmos moldes em que se tornou possível no início deste século?

Do nosso ponto de vista deverá ocorrer não uma revolução, mas uma guerra de libertação nacional. No decurso da guerra é inteiramente possível que haja a certa altura acções armadas. Mas deve ter-se em conta o seguinte: a guerra e toda a acção armada, as acções com armas nas mãos, hoje, no nosso tempo, não são como em 1918, quando os proletários a cavalo brandiam os sabres. Hoje, contra nós, será accionada instantaneamente a NATO. E você faz ideia da arma que sobre nós cairá. Por isso, este movimento de libertação (de libertação do país) tem de ser conduzido em grande parte pela via não violenta; para evitar que muito do nosso povo morra. O povo, hoje exaurido e em declínio

⁴ PCFR, Partido Comunista da Federação Russa. (N. Ed.)

⁵ Nina Aleksándrovna Andréieva, (1936), membro do PCUS desde 1966, engenheira química e professora no Instituto de Tecnologia de Leningrado, tornou-se conhecida em toda a URSS após a publicação do seu artigo «*Não posso renunciar aos princípios*», no jornal *Soviétskaia Rossia*, em 13 de Março de 1988, onde rejeitou a campanha anti-stalinista lançada pela *perestroika* e defendeu a «*honra e a dignidade dos pioneiros do socialismo*» incluindo de Stáline. Depois de ter criado, em 18 de Maio de 1989, a Associação «Unidade pelo Leninismo e pelos Ideais Comunistas», torna-se presidente em 1991 da Plataforma Bolchevique no PCUS, promovendo a fundação do Partido Comunista Bolchevique de Toda a União em 1991, do qual é secretária-geral. (N. Ed.)

populacional, não resistirá a semelhante violência. É possível percorrer parte do caminho por via não violenta se se criar no território do país a «*maioria soviética*». Se os ocupantes perceberem que, por toda a parte onde se metam, enfrentarão o povo soviético renascido. Esta pressão de baixo do povo soviético renascido ajudará a percorrer a parte decisiva do caminho por via não violenta. Algures na fase final, na meta, certamente que ocorrerão algumas acções de armas na mão, disso dificilmente se poderá duvidar.

Não considera necessário criar-se um movimento guerrilheiro clandestino de patriotas soviéticos?

Penso que não.

Acha que as forças de esquerda podem restaurar a pátria socialista sem a participação do exército neste processo?

Não, isso, naturalmente, é difícil de fazer. O exército é necessário. É preciso fazer trabalho de propaganda e ganhar o exército para o nosso lado. O povo deve lutar por si próprio, mas o exército tem de apoiar o seu povo no momento decisivo. Afinal, no exército também há cidadãos soviéticos, e também eles devem tomar consciência de que são soviéticos.

Em 1920, Lénine afirmou abertamente: «Toda a admissão da ideia da submissão pacífica dos capitalistas à vontade da maioria dos explorados, e da transição pacífica, reformista, para o socialismo não só é reveladora de uma estupidez extrema pequeno-burguesa, como também é enganar manifestamente os operários».⁶ Como vê esta posição de Lénine à luz da realidade actual?

Se por via reformista se entender a via parlamentar, o jogo parlamentar com o regime colaboracionista ilegítimo nesta ou naquela república, então Lénine tem absoluta razão; tanto com a burguesia, em geral, como com os ocupantes, em particular, esta via não leva a nada.

Mas há uma via não violenta que não é reformista. Pode-se chamar pacífica. Até um certo ponto a resistência ao inimigo pode ser feita por via não violenta. E pode continuar assim, embora, em dada altura, naturalmente também surgirá algum elemento de violência. No entanto, a parte principal do caminho pode ser percorrida à semelhança da luta contra o xá no Irão. Aqui simplesmente milhões saíram à rua, e os tanques dispararam contra esta densa massa de gente. Isto foi pacífico ou não pacífico, violento ou não violento? O certo é que o derramamento de sangue foi reduzido ao mínimo. **Para isso são necessárias massas**, orientadas com grande precisão ideológica. Tem de haver um líder do tipo de Khomeini, com o poder sobre as massas que ele tinha. O que é que

⁶ «*Teses Sobre as Tarefas Fundamentais do II Congresso da Internacional Comunista*» (Junho de 1920), V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), Politizdat, Moscovo, 1981, t. 41. p. 185. (N. Ed.)

aconteceu no Irão? O povo saiu aos milhões para a rua, esta massa de gente bloqueou os tanques e o xá fugiu.

Admite o restabelecimento do poder soviético mantendo a propriedade privada?

Não, isso não pode ser! Sobre isso não há muito a dizer: a propriedade privada é um instrumento de penetração do nosso adversário geopolítico. Mas não se deve confundir as coisas. A propriedade privada não pode existir como fenómeno de exploração, mas pode existir actividade produtiva individual ou grupal de carácter não explorador. Se uma pessoa quiser desenvolver uma actividade, pois que o faça. No complexo da economia nacional haverá sempre parcelas marginais que a mão do Estado não alcança. Por que razão nessas parcelas não poderia juntar-se uma equipa, um grupo, uma brigada e desenvolver uma determinada actividade? **Sem exploração de força de trabalho assalariada.** Poderão até contratar pessoas, mas aos trabalhadores serão assegurados todos os direitos vigentes no país. Com a exclusão total da exploração, isto não só é possível como é **necessário** dar esta possibilidade às pessoas. O socialismo não só é compatível com esta forma, que nem sequer é uma forma de propriedade, mas uma forma de actividade económica, como lhe dá um espaço que nenhuma outra sociedade lhe pode dar.

A «perestroika» e o processo de destruição da URSS geraram uma multiplicidade invulgar de forças anti-socialistas, inimigos declarados do poder soviético. Com a vitória dos comunistas e a restauração do poder soviético muitos deles darão o salto para o estrangeiro. Mas muitos ficarão porque não podem ou não conseguem sair. Qual é a sua opinião, é possível a sua «reeducação», como foi feito na China, ou será de esperar inevitáveis repressões?

Isso irá depender da sua própria conduta. A Igreja, por exemplo, combateu o poder soviético e o Estado defendeu-se dela como de inimigos seus, não há aqui propriamente lugar a repressões. Os kulaques combateram o poder soviético e o Estado defendeu-se deles como de inimigos seus. Se não se revelarem activamente como inimigos do poder soviético e se se integrarem no processo geral, qual é a necessidade de os reprimir? Mantê-los sob controlo, sim, é preciso. Tudo irá depender da sua própria conduta. Se nos combaterem, serão tomadas medidas contra eles, não são repressões, mas medidas previstas na lei. No tempo de Stáline não houve repressões, houve medidas legais do Estado aplicadas aos seus implacáveis inimigos. Ninguém foi reprimido por intenções ou ideias. Uma pessoa não era reprimida por se manifestar abertamente contra o poder soviético. E assim será agora.